

DA LINGUAGEM, NAS *TESES SOBRE FEUERBACH A NIETZSCHE*, HEIDEGGER, BENJAMIN, FOUCAULT...

Cidiane Lobato¹

*Personne ne doit sans raison suffisante être privé de l'objet de son amour.
Personne ne peut aimer vraiment sans être poussé par l'espoir de l'amour.*

(Aquitaine, Traité de l'amour, Les Règles VIII et IX)

RESUMO

Em 1888, são publicadas as *Teses sobre Feuerbach*, obra em que Karl Marx manifestamente condensa os pressupostos da Sociologia moderna nascente a partir de uma crítica ao que o sociólogo cunhou como sendo o “materialismo contemplativo da Filosofia”, especialmente da Filosofia Alemã e esta representada pelo jovem pensador hegeliano Ludwig Feuerbach. Pouco mais de século e meio depois, o pensamento de Karl Marx por vezes recebe o mesmo tratamento legado por ele à Filosofia quando da escrita de suas *Teses* em 1845; o sociólogo alemão torna-se objeto de crítica generalizada por parte da contemporaneidade, inclusive nas Ciências Sociais, e Marx é acusado de “filosofia”, “metafísica”, “essencialismo” e “contemplação”, apesar da pretendida práxis revolucionária defendida em suas *Teses* e que marcaria todo o percurso produzido pela Sociologia até os dias atuais. Neste texto, condensamos as razões desta crítica da contemporaneidade a Karl Marx através da investigação de produções epistemológicas subsequentes às *Teses* de 1888 e isto não por uma relação de compromisso com o “Idealismo Alemão”, mas tomando como ponto de partida uma crítica da linguagem instrumentalizada pelas Ciências, neste caso particular, daquela que expressa o *pensamento estruturado* desenvolvido pelo sociólogo alemão em suas *Teses sobre Feuerbach*.

Palavras-chave: Marx. Filosofia. Estruturalismo. Contemporaneidade. Linguagem.

ON THE LANGUAGE, IN *THESES ON FEUERBACH TO NIETZSCHE*, HEIDEGGER, BENJAMIN, FOUCAULT...

ABSTRACT

In 1888 the *Theses on Feuerbach* are published, a work in which Karl Marx's clearly encapsulates the assumptions of the nascent modern Sociology from a critique of what the sociologist coined as "contemplative materialism of Philosophy", especially German Philosophy represented by young hegelian philosopher Ludwig Feuerbach. Just over a century and a half later, Karl Marx's thoughts sometimes get the same treatment he addressed to Philosophy throughout the theses he wrote in 1845; the German sociologist becomes the object of widespread criticism by the contemporary world, including the Social Sciences, and Marx is accused of “philosophy”, “metaphysics”, “essentialism” and “contemplation”, despite all its intended

¹ Mestre em Engenharia de Software e Licenciada em Filosofia pela PUC-Rio.

revolutionary practice advocated in his *Theses* and which would mark all the direction taken by Sociology until the present day. In this text, we resume the reasons for this criticism of Karl Marx through the investigation of epistemology subsequent to his theses of 1888 and not from a committed relationship with the “German Idealism”, but taking as a starting point a critique of the language exploited by Sciences, in this particular case, the language which expresses the *structured thinking* developed by the German sociologist in his *Theses on Feuerbach*.

Keywords: Marx. Philosophy. Structuralism. Contemporary. Language.

Tendo em vista a estrutura de argumentação desenvolvida por Karl Marx em suas *Teses sobre Feuerbach* – isto é, partindo do fato de que esta obra é estruturada em proposições diretas subdivididas em 11 grupos correspondentes aos vários aspectos que Marx quis tratar sobre a questão do *autêntico materialismo* e de sua *relação de necessidade* com a *práxis revolucionária* –, escolhemos como abordagem para o desenvolvimento deste trabalho a realização de uma *crítica da linguagem* das *Teses sobre Feuerbach* e, em consequência, do próprio *pensamento expresso* por Marx no tratamento das questões por ele pontuadas ao longo de suas 11 *Teses*. De fato, apesar de, naquele ensaio, realizar uma crítica voraz à Filosofia – chamada por Marx de “idealismo”, “metafísica”, “essencialismo” ou “escolástica” e isto mesmo tendo em vista os “progressos” alcançados pelo “materialismo contemplativo” do filósofo hegeliano Ludwig Feuerbach –, podemos dizer que, *quanto à linguagem*, isto é, quanto ao *pensamento expresso* nas proposições presentes em suas 11 *Teses*, sim, o sociólogo alemão tem seus pés *plantados* não só na Filosofia Alemã, mas, por assim dizer, *enraizados* na própria História do Pensamento e/ou Linguagem da Filosofia, e isto muito embora sua obra se pretenda absolutamente “não idealista”, “não metafísica”, “não escolástica” ou “não contemplativa”. E dizemos isso porque a linguagem de Karl Marx, ao longo de suas 11 *Teses*, é uma linguagem *representacional, formal, lógico-conceitual* ou simplesmente *conceitual*. Vejamos.

No tocante à linguagem, *filósofos*, criticados em todas as *Teses sobre Feuerbach* e especialmente em seu fechamento, isto é, na 11ª Tese² – desde Platão e Aristóteles, passando por medievais como Agostinho de Hipona e Tomás de Aquino, modernos como Descartes, Leibniz, Kant e Hegel, e contemporâneos tais

² Citação da 11ª tese das *Teses*: “Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*” (Marx, 2002), outra edição também disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>

como Wittgenstein, inclusive o das *Investigações Filosóficas*³ – instrumentalizaram uma *linguagem conceitual*⁴ para a produção de seus textos e isto embora a utilização de *conceitos* tenha sido subjacente a diferentes *formas*⁵ filosóficas: Platão utiliza *conceitos* e sua *forma* de argumentação é *dialética*⁶; Aristóteles utiliza *conceitos* e sua *forma* de argumentação é *lógico-analítico-dedutiva*⁷; Kant utiliza *conceitos* e sua *forma* de argumentação é *sistemático-lógico-analítico-dedutiva*⁸; Hegel utiliza *conceitos* e sua *forma* é *sistemático-lógico-dialética* (*Filosofia Dialética*)⁹; o Wittgenstein do *Tratado Lógico-Filosófico* utiliza *conceitos* e sua *forma*

³ Na Epistemologia Contemporânea, Ludwig Wittgenstein (1889-1951) é frequentemente referenciado como “analítico” (Filosofia Analítica, Kant, *Crítica da Razão Pura*) em seu *Tratado Lógico-Filosófico* e “pragmático” (Filosofia Prática, Kant, *Crítica da Razão Prática*) em suas *Investigações Filosóficas*, uma vez que o próprio Wittgenstein, no §23 de suas *Investigações Filosóficas*, se refere à *visão lógica* do “autor do Tratado” como uma visão da qual teria se afastado. Para uma rápida introdução à obra de Kant e da subdivisão de sua filosofia em *teórica* e *prática*, cf. a resenha (não crítica) *Sobre a fundamentação da moral na obra de Kant* (Lobato, 2011a), disponível em: http://pt.scribd.com/invest_filosofica

⁴ Neste texto, a expressão “linguagem conceitual” é utilizada para nomear uma linguagem marcadamente baseada em definições ou em significados precisos, ou uma linguagem que se apresenta como restrita à análise de definições ou significados precisos, ou ainda, uma linguagem onde inferências são realizadas a partir de definições ou significados precisos sem o devido cuidado com a *materialidade histórica dos significados possíveis* a um termo específico da linguagem. Trata-se, portanto, de uma linguagem de instrumentalização cujo objetivo é *definir, delimitar, formalizar*, isto é, *afirmar o que é* uma coisa e que, na História do Pensamento e/ou Linguagem, tornou-se *marcadamente* presente no *logos* (do grego, *discurso*) elaborado por filósofos tais como Aristóteles (cf. *Tópicos e Metafísica*), Tomás de Aquino (cf. *Suma Teológica*) e Immanuel Kant (cf. *Crítica da Razão Pura* e *Crítica da Razão Prática*).

⁵ Desde Platão e Aristóteles, a Filosofia busca a “correta” relação entre o *ente* e o *discurso* sobre o ente; significativamente, tem-se que, em Platão, essências, ideias ou *formas* constituem o *real* a ser conhecido e, em Aristóteles, os opostos matéria e *forma* constituem a *substância* a ser conhecida.

⁶ Martin Heidegger expressaria “dialética da ascensão” (cf. *A Doutrina de Platão sobre a Verdade*).

⁷ Aristóteles, que concebeu o *logos* como fazendo sinonímia ao que conhecemos por *lógica*, formalizou o *conceito* – compreendido como “definição” (cf. *Tópicos*) e correspondente à “substância” dos entes (cf. *Metafísica*) – como *estrutura necessária para a derivação e produção do conhecimento* (cf. *Analíticos*).

⁸ A possibilidade de confecção de um *sistema* que “incluísse” *todas* as derivações e produções possíveis à Epistemologia, à Estética, à Moral e à Antropologia teve seu ápice no *Iluminismo* de Immanuel Kant e isto é possível de se conferir já a partir dos títulos de suas obras fundamentais: *Dissertação sobre a forma e os princípios do mundo sensível e inteligível* (1770), *Crítica da Razão Pura* (1781), *Prolegômenos para toda metafísica futura que se apresente como ciência* (1783), *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1785), *Primeiros princípios metafísicos da ciência natural* (1786), *Crítica da Razão Prática* (1788), *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790), *Metafísica dos Costumes* (1797), *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático* (1798) e *Prolegômenos a Toda a Metafísica Futura*. As obras máximas *Crítica da Razão Pura* (Epistemologia), *Crítica da Razão Prática* (Moral) e *Crítica da Faculdade do Juízo* (Estética) são elaborações de Kant a partir de suas *Analítica* e *Estética Transcendentais*.

⁹ É possível aproximar e distanciar as *dialéticas* de Platão e Hegel em seus vários aspectos e, inclusive, alguns intérpretes consideram que Hegel retornou a Platão exatamente pela impossibilidade de *sistema* tal como proposto por Kant este fiel aos *Analíticos* de Aristóteles. Em um primeiro aspecto, o processo de libertação do prisioneiro na *Alegoria da Caverna* por Platão é *dialético* na medida em que é marcado por *oposições* ou *conflitos* entre oposições, embora para Platão tais conflitos sejam *a-históricos*, isto é, sejam pensados por Platão apenas à luz de uma *natureza humana* e não à luz de *forças* ou *mecanismos históricos* como farão Hegel e outros

de argumentação é *sistemático-lógico-analítica* (*Filosofia Analítica*¹⁰); o Wittgenstein das *Investigações Filosóficas* utiliza *conceitos* e sua *forma* de argumentação é *pragmática* (*Filosofia Pragmática*¹¹)...

E Karl Marx em suas *Teses sobre Feuerbach*? Mesmo que não o possamos classificar¹² no conjunto dos filósofos anteriores, isto é, entre os filósofos da

dialéticos a partir do século XIX. Para o *alcance* de uma nova situação no *processo dialético*, o prisioneiro na *Alegoria da Caverna* reconhece-se também como *ignorante* e, além disso, como *necessitado* de um processo de *mudança* e *transformação* que o retire de sua situação atual. Este aspecto da dialética platônica difere ligeiramente dos dialéticos do século XIX, uma vez que, para estes últimos, a transformação não depende tanto da natureza humana (de sua razão ou consciência...), mas, primariamente, é produto da atuação de forças ou mecanismos históricos que *determinam a própria natureza*. O processo de libertação na *Alegoria da Caverna* é também *dialético* dado o seu caráter *contraditório*, *aporético*, *inconclusivo*, visto ser a própria natureza do prisioneiro a fazê-lo sentir-se insatisfeito, isto é, nunca cessando o Eros de fazê-lo desejar uma nova situação. Novamente para este terceiro aspecto, é possível uma aproximação entre as *contradições* que permeiam o processo dialético platônico e o processo proposto pelos dialéticos a partir do século XIX, se consideramos que, para estes últimos, as sínteses negativas da história forçam-na também a continuamente “resolver” suas próprias *contradições*. Finalmente, sendo *dialética* a libertação do prisioneiro na *Alegoria da Caverna* na medida em que, para Platão, espera-se pela Totalidade da Verdade ou do Ser no fim do processo, neste mesmo sentido, também para os materialistas dialéticos do século XIX, espera-se, no fim do processo dialético, a Totalidade da Emancipação da Natureza Humana (de sua Razão ou Consciência...) no e como cume desta mesma História.

¹⁰ *Analíticos* é o nome de um conjunto de obras de Aristóteles e são chamados *analíticos* os pensadores que se mantêm fiéis à “tradição” de *formalização pela linguagem*. Aristóteles é o filósofo que define *formalmente* a *Filosofia* como *Metafísica* e a relação indissociável entre *Filosofia*, *Metafísica* e *Lógica*. Para a defesa desta relação, estabelece *formalmente* os chamados “princípios da razão” – *Identidade*, *Não Contradição*, *Terceiro Excluído* e *Causalidade* –, e estes como *necessários* à *validade* do *pensamento metafísico* cuja linguagem de instrumentalização é *racional*, *formal*, ou ainda, *conceitual* (em Platão, permanecem embrionárias as associações necessárias entre *Filosofia* e *Metafísica* e os “princípios da razão” estão *presentes* nas elaborações, mas não *formais* como em Aristóteles). Após o desenvolvimento da *Lógica Moderna*, posterior a Kant e marcadamente inaugural em Frege, a dissociação entre *Filosofia* e *Lógica* torna-se notória com (i) as possibilidades do pensamento que elabora o verdadeiro a partir da *realidade* entendida como *histórica* e (ii) o advento da modelização ou a simplificação da realidade para a *programação* de sistemas de computador ou sistemas de *software* ou sistemas de *aplicação*, ou ainda, *sistemas virtuais*, isto é, *sistemas lógicos* que implementam *um modelo do real*.

¹¹ Na História do Pensamento, a Epistemologia “evoluiu” da tentativa de investigar *essências*, *ideias* ou *formas transcendentais* (Platão, cf. *A República*) para a tentativa de abstrair a *substância das coisas* (Aristóteles, cf. *Metafísica*) para a tentativa de *analisar o cognoscível* e *delimitar sínteses possíveis ao sujeito transcendental a-histórico* (Kant, cf. *Crítica da Razão Pura*) para a tentativa de fazer a correspondência entre *sínteses da história* e *sínteses do pensamento* (Hegel, cf. *Fenomenologia do Espírito*). Paulatinamente, neste mesmo percurso histórico, uma *linguagem conceitual* “desenvolveu-se” no sentido de *instrumentalizar* o objetivo de “*representar a essência das coisas*” (Platão, cf. *Sofista*), em seguida, o de “*definir a substância das coisas*” por meio de seus *conceitos correspondentes* (Aristóteles, cf. *Tópicos*), posteriormente, o objetivo de “*sistematicamente formalizar todas as coisas possíveis de serem ditas sem contradição*” a partir de *conceitos transcendentais* (Kant, cf. *Crítica da Razão Pura*) e, finalmente, o objetivo de “*operar sínteses de pensamento a partir de sínteses da história*” exatamente quando e para a “*eliminação de contradições*” (Hegel, cf. *Fenomenologia do Espírito*). Com a ruptura histórica da possibilidade de *sistema* ou de *conhecimento sistemático* – no *pensamento*, em Friedrich Nietzsche e, na *linguagem*, nas *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein –, permanece a tentativa de “*afirmar cada coisa em contexto* (História) e/ou uso (Prática) bem definidos”.

¹² Assim como para Guilherme de Ockham e Ludwig Wittgenstein, pensamos que a operação de “*classificação*” ou de “*hierarquização*” em todo e qualquer conhecimento *não se encontra com o*

Metafísica ou da Filosofia Idealista, visto Marx notadamente lançar mão do *método histórico-materialista-dialético* para suas elaborações na Sociologia, podemos afirmar – das proposições de suas *Teses sobre Feuerbach* – que seu pensamento é também e, em última instância, *lógico-conceitual*. E afirmarmos isso por uma razão muito simples: a utilização de uma linguagem conceitual¹³ – que pode ou não resultar na elaboração de sistemas¹⁴ (filosóficos ou não)¹⁵ – precisamente ocorre quando do emprego de estruturas de interpretação lógicas na elaboração do pensamento pela linguagem e isto mesmo quando tal elaboração é realizada em sua vertente mais “pragmática” ou naquela que defende a práxis revolucionária nas 11 *Teses*. É verdade que, nas *Teses sobre Feuerbach*, a argumentação *lógico-analítico-pragmática* – ou, de maneira mais simples, a *linguagem conceitual* – não é empregada por Karl Marx de uma maneira inequívoca como no Idealismo Alemão, mas isto ocorre porque o sociólogo está procurando *objetivamente criticar* exatamente o que cunhou como sendo o “materialismo contemplativo” de Feuerbach, isto é, uma espécie de Filosofia que procura se apropriar tanto quanto possível do mundo ou da realidade sensível, porém, segundo Marx, de um modo idealista-metafísico-escolástico-contemplativo...

No entanto, sabemos que a utilização de conceitos para a elaboração do pensamento é mais facilmente observável apenas na chamada “Tradição Idealista”, que concebe os Princípios da Lógica – principalmente o *Princípio de Não Contradição*¹⁶ – como subjacentes à forma geral de organização da *realidade*, como

real; não há uma relação *a priori* (independente de toda e qualquer experiência) entre *essência* e *representação* ou entre *substância* e *conceito*. Além disso, cumpre esclarecer que a operação *formal* de *classificação* possui uma história e, a partir da *Hermenêutica do Discurso*, sabemos que tal operação se dissemina na História do Pensamento e/ou Linguagem a partir da *Metafísica* de Aristóteles. Mais ainda, a partir da Metafísica de Immanuel Kant, a operação de classificação torna-se *a pedra angular de estruturação do pensamento ocidental*.

¹³ Fundada em “significados precisos” (cf. *Tópicos* e *Analíticos*, de Aristóteles), herdeiros de “significados em si” (cf. *Sofista*, de Platão).

¹⁴ Da *práxis*, há uma relação inequívoca entre *sistema*, *aplicação*, *finalidade* e *teleologia*.

¹⁵ Do ponto de vista de uma linguagem conceitual, não há diferença alguma entre os mecanismos utilizados para análise e composição de um sistema formalizado por Immanuel Kant no século XVIII e um sistema formalizado para obtenção de uma aplicação de computador no século XXI.

¹⁶ É interessante observar que o nome de um dos *princípios* que norteiam as *operações* presentes em uma *linguagem conceitual* – o Princípio de Não Contradição – é também o nome daquilo que, na *práxis*, deveria ser eliminado da existência humana na aurora da modernidade e, muito mais, na aceleração do fenômeno de *globalização* ou *mundialização* ou *universalização* a partir do fim do século XX (a tentativa de *universal* guarda uma relação íntima com a tentativa de *essência* ou de *substância*). Na Filosofia, isto se pode observar especialmente a partir da *conceitualização* proposta por Leibniz e do *sistema* proposto por Kant, e, mais ainda, na *lógica moderna* de Frege. Já nas Ciências Sociais, o Materialismo Dialético de Marx expressa, por excelência, a *necessidade da eliminação de contradições* da História.

em Aristóteles, ou do *pensamento*, como em Kant. Somente a título de ilustração, podemos dizer que a diferença entre Aristóteles e Kant neste item diz respeito ao fato de que, para Aristóteles – *realista* –, os conceitos na linguagem são resultantes de um processo de pensamento chamado *abstração*, enquanto para Kant – *idealista transcendental* e *realista empírico* –, os conceitos na linguagem são *representações*¹⁷ obtidas a partir de um processo resultante das chamadas *Analítica e Estética Transcendentais*. Apesar disso, podemos afirmar que, sim, também no que se refere à “Tradição Pragmática”, conceitos são ainda implicitamente concebidos e elaborados como *estruturas intermediárias necessárias* para a elaboração do pensamento e afirmamos isso tendo em vista o fato de Marx, na aurora da modernidade, considerar a *determinação de modelos semânticos e suas respectivas leis de progresso*¹⁸, isto é, a determinação de significados subjacentes a uma realidade teleológica ou, utilizando as palavras do próprio Marx, de seus significados ideológicos¹⁹, como sendo um dos pontos de partida da práxis daí *necessariamente derivada* para a transformação das sociedades.

Podemos então dizer que, apesar da crítica de Marx à Ideologia Alemã, também os textos que compõem a obra do sociólogo são de cunho inerentemente *analítico*, isto é, os conceitos, representações e modelos do *singular*²⁰ sociólogo Karl

¹⁷ Para o objetivo deste, podemos utilizar indistintamente as palavras “representação” e “conceito”.

¹⁸ O pensamento conceitual é regido pelos princípios de *Identidade*, *Não Contradição*, *Terceiro Excluído* e, especialmente, pelo de *Causalidade*, donde o uso inerente de análises, comparações, inferências e *relações causais necessárias entre conceitos* tais como nas abordagens *determinista* e *evolucionista* de estudos comparados na Filosofia, na História, na Sociologia, na Educação. Além disso, a tentativa de *determinação de significados precisos*, ainda que restrita a contextos ou usos bem definidos, é herdeira desta generalização do uso de uma linguagem conceitual na História do Pensamento, muito embora *comparações hermenêuticas* não se sigam *inequivocamente* da *necessidade de determinismo*.

¹⁹ Na práxis, a cristalização do modo de pensar conceitual se faz expressar, principalmente, pela bivaloração de afirmações ou comportamentos, como, por exemplo, quando da necessidade de afirmação de um valor como “verdadeiro” ou “falso”, “certo” ou “errado”. Na Ciência da Computação, entre as *premissas lógicas necessárias* para a *construção de sistemas virtuais*, isto é, de *sistemas lógicos* que implementam *um modelo do real*, estão: (i) a de que há somente 2 (dois) valores de verdade possíveis, “verdadeiro” ou “falso” e (ii) a de que “algo identitário” deve possuir “predicações” classificáveis em “verdadeiras” ou “falsas”; “sujeito” e “predicado” são, pois, as bases do processo de *formalização*.

²⁰ *Singular* é um termo filosófico que, na elaboração deste texto, aponta basicamente para três significados: (i) fazer oposição àquilo que é *universal* ou *particular*; (ii) marcar uma palavra cara à Filosofia que se inicia a partir de Friedrich Nietzsche e que se estabelece a partir da emergência da “questão do singular” na *contemporaneidade*; (iii) afirmar que a *interpretação* é, em última instância, *construída empiricamente* (dependente da experiência do singular), uma vez que se dá sempre a partir de um mergulho em uma *linguagem histórica* (o que inclui *mitos*, etc.). A aplicação da Álgebra de Boole e da Lógica de Frege para a invenção dos sistemas de computador no século XX também parece indicar que uma *linguagem conceitual*, na Filosofia ou nas Ciências, em certo sentido, nada

Marx estão presentes na elaboração de seu pensamento pela linguagem e, por assim dizer, trazem em si o *pressuposto filosófico realista grego* (ou o *outro extremo* do Idealismo Alemão...) de que *a verdade é lógica* e de que podemos *acessá-la racionalmente* e em sua *realidade estrutural*²¹. Além disso, sabemos da história posterior a Marx, que a concepção de um método histórico materialista-dialético *não necessariamente*²² resulta em proposições obtidas a partir do pensamento fundamentado no *par sujeito-objeto do conhecimento*, como quis Marx²³. Citemos livremente a *dialética*²⁴ do *singular* Walter Benjamin – pós-kantiano, pós-hegeliano,

mais é do que uma linguagem *histórica*, isto é, *construída empiricamente* e, portanto, de modo algum *transcendental*.

²¹ Para a compreensão da “afirmação de extremos” na Filosofia, citemos as palavras de Immanuel Kant na *Crítica da Razão Pura* B XVII: “[...] a própria experiência é uma forma de conhecimento que exige concurso do entendimento, cuja regra devo pressupor em mim antes de me serem dados os objetos, por consequência, a priori, e essa regra é expressa em conceitos a priori, pelos quais têm de se regular necessariamente todos os objetos da experiência e com os quais devem concordar. [...] só conhecemos a priori das coisas o que nós mesmos nelas pomos”. De modo esquemático, façamos uma comparação entre Filosofia Grega e Filosofia Alemã. (I) Na Filosofia Grega: (i) os objetos regulam o sujeito do conhecimento; (ii) a contemplação da Natureza e de Deus emana o conhecimento que o sujeito pode ter destes objetos; (iii) é possível conhecer a coisa em si, mas respeitando as características anteriores. (II) Na Filosofia Alemã: (i) o sujeito do conhecimento regula os objetos; (ii) a experiência se restringe ao mundo sensível e não se pode afirmar o conhecimento subjetivo como tendo validade objetiva e, portanto, Deus não pode ser conhecido, apenas pensado; (iii) só é possível conhecer as coisas enquanto objetos de experiência. Em certa medida, trata-se de, como quisera Kant, uma “revolução copernicana” na Filosofia, porque também Copérnico, não podendo prosseguir na Física com a explicação dos movimentos celestes enquanto admitia que toda a multidão de estrelas se movia em torno do espectador, “inverteu o método”, isto é, tentou se não conseguiria melhores resultados *fazendo girar o espectador e deixando os astros imóveis*. Assim fez Kant com a filosofia e, portanto, podemos dizer que há uma oposição entre as Filosofias Grega e Alemã; entretanto, não podemos deixar de notar, tanto entre os gregos quanto entre os alemães, que permanece necessária a *representação, formalização, conceitualização, estruturalização do pensamento* – como percebeu o materialista-dialético Mikhail Bakhtin (1895-1975) em sua genealogia da linguística – e, mais ainda, que o *estruturalismo* tenha se tornado objeto de crítica apenas a partir dos *outros franceses* ao final do século XX e isto por sua larga e indiscriminada cristalização nas Ciências, especialmente Humanas e Sociais, como Letras, Antropologia, Psicanálise, Sociologia e Educação.

²² A *não necessidade* entre relações causais é frequentemente observada nas *descontinuidades* da História: todas as “novas” construções podem ser vistas, na verdade, apenas como reconstruções a partir de *fragmentos de interpretações* já presentes anteriormente e sem *conexão causal necessária* com estas últimas. As exceções a esta regra quase sempre se apresentam em Ciências cujos objetos obedecem a leis bem definidas, isto é, que *não sofrem* ou *sofrem mínima influência* da Cultura, tais como Matemática, Astronomia ou Fundamentos da Computação. Do Empirismo na Filosofia, representada, por exemplo, por David Hume, podemos sempre supor que as relações causais estabelecidas na Cultura são associações dependentes da experiência do singular, e, neste sentido, não podem, de modo algum, ser *generalizadas* para *todos* os tempos e espaços *históricos*. Para uma introdução à importância da Filosofia de David Hume na Filosofia Contemporânea, cf. *Benjamin e a questão da experiência*, disponível na Revista do Grupo de Estudos Walter Benjamin em http://gewebe.com.br/cadernos_vol07.htm

²³ Já na Tese 1, Marx postula um *sujeito* transformador pela práxis do *objeto*-realidade e sua doutrina sociológica é toda ela *derivada* deste postulado fundado no par sujeito-objeto (filosofia *grega*).

²⁴ Lembremos que, após Kant, a Filosofia “divide-se” em Analítica, Pragmática e Dialética. Sobre a Filosofia Dialética (História), pensadores da Escola de Frankfurt tais como Walter Benjamin (1892-1940) e Theodor Adorno (1903-1969) inauguram uma *dialética sem sínteses*. Portanto, apesar de

pós-feuerbachiano, pós-nietzscheano... –²⁵, *quanto à história*, materialista-dialético da Escola de Frankfurt (Marx), *quanto à linguagem*, místico ou tendo em vista o *mito* como inerente à nossa constituição histórica enquanto humanos (na obra *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem dos homens*), *quanto ao pensamento*, *fragmentado*²⁶, pois que já não é possível *sistema* após a descoberta da *pluralidade* na História e na Cultura (*Contemporâneo*): se a verdade existe, e *não está no objeto nem no sujeito* e, por outro lado, *existe somente como verdade histórica*, onde estão os juízos que enunciam o *conhecimento verdadeiro produzido pela experiência*?

Responderá Benjamin: a verdade está na linguagem e somente pode ser *interpretada objetivamente*²⁷ a partir e por causa da linguagem (método filosófico no Prefácio da obra *Origem do Drama Barroco Alemão*). Mais precisamente: a necessidade e a universalidade das *ideias* (note o uso da palavra *ideias*²⁸ em oposição a *conceitos*) são possíveis não pela universalidade e necessidade de um *sujeito transcendental* (Kant) ou pela universalidade e necessidade de um *sentido para a história* (Marx), mas tão somente pela universalidade e necessidade *presentes na linguagem*. Entretanto, ao contrário do que se poderia inferir daí, corroboramos: não são os silogismos de uma linguagem conceitual que garantem a universalidade e a necessidade do conhecimento, mas a própria *coerência histórica do discurso*²⁹, *de quem fala, do que se fala e do que não se fala...*

que Hegel reintroduz a “dialética” na História do Pensamento a partir de um retorno à “dialética da ascensão” de Platão (cf. *A Doutrina de Platão sobre a Verdade*, de Heidegger), a *dialética sem sínteses* de Benjamin não pode ser confundida com a “dialética do senhor e do escravo”, esta presente no século XX, por exemplo, em Jean-Paul Sartre (1905-1980) – “Ego Transcendental” – ou mesmo em Jacques Lacan (1901-1981) – “Sócrates e Alcebiades” e “Os Quatro Discursos”.

²⁵ “Pós” é um termo *conceitual* e, portanto, *não faz justiça* (expressão benjaminiana) a uma concepção de história não teleológica como as elaboradas por filósofos como Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin. Entretanto, decidimos manter a palavra “pós” a fim de evidenciar que *não há uma relação de dívida* entre Walter Benjamin e os pensadores que o antecederam, como *não há uma relação de dívida* entre o mosaico de Benjamin e o de Martin Heidegger (1889-1976) como *também não há uma relação de dívida* entre a concepção de história de Michel Foucault (1926-1984) e a de Friedrich Nietzsche (1844-1900).

²⁶ A verdade, longe de ser um *sistema*, é um *mosaico*: para Walter Benjamin, verdade e beleza são indissociáveis na experiência que torna possível o conhecimento ontológico.

²⁷ Uma interpretação *objetiva* é necessária se assumimos que tudo fala em sua própria linguagem.

²⁸ Apesar de que Benjamin utiliza a palavra “ideia” fazendo referência a Platão e em oposição ao “conceito” em Aristóteles, podemos dizer que *ideia* em Benjamin nada tem a ver com *essência* ou *forma* ou *representação* e isto se pode observar inequivocamente a partir de sua “Teoria Mística da Linguagem” (cf. *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem dos homens*). Para a compreensão do que dizemos aqui, faz-se mister assumir a interpretação da obra de Platão que não pretende a racionalização do mito.

²⁹ A teoria de verdade que defende a *coerência do discurso* é quase sempre citada em oposição à *teoria correspondentista da verdade* (cf. *A Doutrina de Platão sobre a Verdade*, de Martin Heidegger), da qual participa o Idealismo Alemão, inclusive Marx, quando *expressa* a realidade a partir de sistemas e leis.

Em outras palavras, para o trato da questão da linguagem, citamos um filósofo e sociólogo judeu alemão – Walter Benjamin – que fez uso do *materialismo-dialético* a fim de, ao contrário de “eliminar contradições”³⁰, buscar a *elaboração da história* a partir de seus *fragmentos*³¹ e sempre na perspectiva de um *singular imerso na linguagem*. Já Karl Marx, a partir da 6ª Tese, como herdeiro do Idealismo Alemão – especialmente de Kant em sua “Filosofia da História” (*Teleologia*) apresentada em *Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita* –, simplesmente ignora o *papel histórico* que só o *singular* pode assumir e isto não pela *consciência* de ser “sujeito”³² ou “indivíduo”³³, mas apenas por sua *elaboração na linguagem*...

Apenas para apontar o sentido que assumimos em relação a esta questão sobre a linguagem na Filosofia, ao que nos consta, a antítese da linguagem conceitual foi reintroduzida na História do Pensamento por Friedrich Nietzsche³⁴ e, tendo em vista o propósito deste trabalho, enunciamos a tese de Nietzsche com as seguintes palavras: *o problema da linguagem se confunde com a cristalização do uso de conceitos para a representação*³⁵ *do pensamento na história*... E é por esta razão que o texto deste filósofo não só é produzido com base em aforismos, isto é, não se trata apenas de uma ruptura com a noção de *sistema*, mas de fundamentalmente pretender *construir uma interpretação histórica sem a científica moderna e positivista determinação da realidade através de modelos e leis*³⁶, estes entendidos como produto, por excelência, da *invenção da subjetividade moderna*³⁷.

³⁰ Na Tese 4, Karl Marx postula que o trabalho principal da “práxis revolucionária” é a “eliminação das contradições” da História.

³¹ E não de *sistemas*...

³² “Je pense, je suis” promulga Descartes inaugurando a “filosofia do sujeito” e este critério novamente base para *substância, matéria, forma, consciência*... e, adicionalmente, *método*.

³³ “Mito do indivíduo” a partir da emergência do Estado-Nação na modernidade (cf. *Microfísica do poder* e *A Hermenêutica do Sujeito*, de Michel Foucault).

³⁴ Citemos Miguel Angel de Barrenechea em *Nietzsche e o discurso filosófico: uma linguagem pessoal*: “Após a publicação de *O nascimento da tragédia*, o filósofo percebe que, nessa sua primeira obra, criticou a tradição filosófica empregando justamente o instrumental linguístico dessa tradição, permanecendo ainda preso à teia de conceitos que a caracterizam. Posteriormente, através da realização de *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche considera que nessa obra consegue justamente cantar, poetar, apresentando uma linguagem original para transmitir as suas ideias mais pessoais e audaciosas. [...] a noção [de vontade de potência...] é apresentada de forma não demonstrativa, isto é, de uma maneira metafórica, literária, instaurando uma linguagem artística como um estilo singular no discurso filosófico”. O texto de Miguel Angel de Barrenechea encontra-se disponível em: <http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/pt/home/itemlist/category/32-n-28-2011>

³⁵ Representações *metafísicas*, pretensamente *universais*, e não *singulares*.

³⁶ Uma das influências marcantes na sociologia de Max Weber (1864-1920) é Friedrich Nietzsche...

³⁷ *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (Weber) e *A Hermenêutica do Sujeito* (Foucault).

Sim, o problema da linguagem conceitual foi reconhecido, reinterpretado, reelaborado e reapresentado em diferentes termos por contemporâneos do século XX tais como Martin Heidegger³⁸, Walter Benjamin³⁹ e Michel Foucault⁴⁰. Neste sentido, Nietzsche, Heidegger, Benjamin e Foucault – reunidos por nós apenas para o trato da linguagem – têm em vista uma indistinta relação entre *linguagem e realidade*, ou seja, uma *relação entre homem e mundo na história* que se dá *sem a necessidade do estabelecimento de estruturas para a elaboração na linguagem*.

Para filósofos não comprometidos com a Analítica ou a Pragmática, não são *representações, funções, modelos e leis* nem mesmo *contextos* ou *usos* que permitem o acesso ao real humano *pela* linguagem... Frente às questões que emergem da pretensa relação entre *subjetividade e verdade*, os filósofos preocupam-se menos com sistemas, classificações ou estruturas e dão mais atenção à *coerência interna do discurso* ou às *operações internas entre os conceitos de um dado discurso*, estes representantes de *significados fluidos e interpretados* nos *limites* próprios de uma *construção histórica do singular*.

³⁸ Já em sua obra inicial *Novas Indagações sobre Lógica* (1912), em *A Caminho da Linguagem* (1959) e em conferências como *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento* (1964).

³⁹ Como ponto de partida da sua obra em *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem dos homens* (1916) e *Sobre o Programa de uma Filosofia Futura* (1918).

⁴⁰ No percurso de toda a sua obra: *Arqueologia do saber* (1963), *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (1966), *A ordem do discurso* (1970), *Subjetividade e verdade* (1980-1981) e *A hermenêutica do sujeito* (1981-1982).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Progresso**. In: Palavras e Sinais. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: “Os Pensadores”, Abril Cultural, 1996.
- ARISTÓTELES. **Tópicos**. São Paulo: “Os Pensadores”, Abril Cultural, 1978.
- _____. **Órganon**: Analíticos Posteriores etc. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
- _____. **Metafísica**. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2001.
- ARRIVÉ, Michel. **Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. **“Nietzsche e o discurso filosófico: uma linguagem pessoal”**. Cadernos Nietzsche, São Paulo, nº28, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre el Programa de la Filosofía Futura**. In: Sobre el Programa de la Filosofía Futura y otros. Caracas: Monte Ávila Editores, 1970.
- _____. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. **Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana**. In: Sobre arte, técnica, linguagem e política. Lisboa: Ed. Relógio D’Água, 1992.
- BOOLE, George. **On the comparison of transcendents with certain applications to the theory of definite integrals, Philos.** London, 147 Part III 1857, 745-803.
- BUADAS, Elsa. **A Transfiguração do Pensamento na Origem da Metafísica**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Filosofia da PUC-Rio. Rio, 1990.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Brasília: UnB, 1989.
- DOSSE, François. **História do Estruturalismo**. Bauru: EDUSC, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____. **Subjetividade e verdade**. In: Résumé des Cours. Paris: Julliard, 1989.
- _____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- _____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREGE, Gottlob. **Translations of the Philosophical Writings of Gottlob Frege**. Basil Blackwell, Oxford, 1977.
- HEGEL, Georg W. Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos**. São Paulo: Os Pensadores, 1989.
- _____. **O fim da filosofia e a tarefa do pensamento**. São Paulo: Coleção “Os Pensadores”, 1999.

- _____. **A caminho da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. **A Doutrina de Platão sobre a Verdade**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/verdade.htm>> Acesso em: 12 mai. 2010.
- HUME, David. **Tratado da Natureza Humana**. São Paulo: Unesp, 2000.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Rio: Forense Universitária, 1995.
- _____. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- _____. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. Trad. Ricardo Terra e Rodrigo Naves. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LACAN, Jacques. **O avesso da psicanálise** (Seminário XVII). Em: Seminários. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LEIBNIZ, Gottfried. **Meditaciones sobre el Conocimiento, la Verdad y las Ideas**. In: OLAZO, E. (Ed.). G. W. Leibniz. Buenos Aires: Editorial Charcas, 1982.
- LOBATO, Cidiane et al. **An aspect-oriented software architecture for code mobility**. Software, Practice & Experience (Print), v. 38, p. 1365-1392, 2008.
- _____. **“Sobre a fundamentação da moral na obra de Kant”**. Investigação Filosófica, v. 2, n.1, artigo digital 3, jun. 2011.
- _____. **“Benjamin e a questão da experiência”**. Cadernos Walter Benjamin: n°7, jul/dez 2011. Disponível em: <http://gewebe.com.br/cadernos_vol07.htm>
- MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____.; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **Assim Falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: “Os Pensadores”, Abril Cultural, 2ª ed., 1972.
- _____. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do ego seguido de Consciência de si e conhecimento de si**. Trad. Pedro M. S. Alves. Lisboa: Editora Colibri, 131p.
- SPADE, Paul Vincent. **William of Ockham**. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2008/entries/ockham/>> Acesso em: jul. 2012.
- TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Alexandre Corrêa. Caxias do Sul: Livraria Sulina, 2 ed., 1981, 10 v.
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martins Claret, 2003.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **Tratado Lógico-Filosófico**. São Paulo: UNESP, 2001.